

**APROPRIAÇÕES E REAPROPRIAÇÕES CULTURAIS EM SALVADOR-BA:
SOBRE A ESPETACULARIZAÇÃO URBANA E A DIALÉTICA DA
MALANDRAGEM**

***APROPIACIONES Y REAPROPIACIONES CULTURALES EN SALVADOR DE
BAHÍA: SOBRE LA ESPECTACULARIZACIÓN URBANA Y LA DIALÉCTICA DEL
MALANDRAJE***

***CULTURAL APPROPRIATIONS AND REAPPROPRIATIONS IN SALVADOR-BA:
ABOUT URBAN SPECTACULARIZATION AND THE DIALECTICS OF
MALANDRAGEM***

Ewerthon Clauber de Jesus VIEIRA¹

RESUMO: Este texto busca, em um primeiro momento, apresentar uma tipologia analítica acerca das práticas culturais, usos e tensões de significados tecidos no contexto da experiência da vida urbana em determinados espaços da cidade de Salvador-BA, durante o contexto de preparação e realização dos megaeventos esportivos da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA). Nesta perspectiva, o trabalho vincula a imersão teórica e empírica, realizada no âmbito da pesquisa doutoral, com a tematização acerca das relações entre as lógicas de produção urbana e os efeitos desses processos nos comportamentos que experimentam e (re)significam os usos dos espaços. De maneira mais ampla, a questão das práticas culturais é interpenetrada pelo horizonte que transita do direito à cidade ao ideário de cidades espetacularizadas, expressas sobretudo pelo paradigma da criatividade. Por fim, proponho reler a relação entre as apropriações e reapropriações culturais a partir da ideia de dialética da malandragem, caracterizada por Antonio Candido como espectro formativo da cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Apropriação cultural. Reapropriação cultural. Salvador-BA. Espetacularização urbana. Dialética da malandragem.

RESUMEN: Este texto busca, en un primer momento, presentar una tipología analítica acerca de las prácticas culturales, usos y tensiones de significados basados en el contexto de la experiencia de vida urbana en determinados espacios de la ciudad de Salvador de Bahía, durante el contexto de preparación y realización de los megaeventos deportivos de la *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA). En esta perspectiva, el trabajo vincula la inmersión teórica y empírica, realizada en el ámbito de la investigación doctoral, con la tematización sobre las relaciones entre las lógicas de producción urbana y los efectos de estos procesos en los comportamientos que experimentan y (re)significan los usos de los espacios. En términos más generales, la cuestión de las prácticas culturales está interpenetrada por el horizonte que transita desde el derecho a la ciudad al ideal de ciudades espectaculares, expresado sobre todo por el paradigma de la creatividad. Finalmente,

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Professor de Sociologia do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Doutor em Sociologia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6491-9858>. E-mail: ewerthonclauber@yahoo.com.br



propongo una relectura de la relación entre apropiaciones y reapropiaciones culturales desde la idea de dialéctica de malandragem, caracterizada por Antonio Candido como un espectro formativo de la cultura brasileña.

PALABRAS CLAVE: *Apropiación cultural. Reapropiación cultural. Salvador de Bahía. Espectacularización urbana. Dialéctica de malandragem.*

ABSTRACT: *This text seeks, at first, to present an analytical typology about cultural practices, uses and tensions of meanings woven in the context of the experience of urban life in certain spaces of the city of Salvador-BA, during the context of preparation and realization of mega-events of the Fédération Internationale de Football Association (FIFA). In this perspective, the work links the theoretical and empirical immersion, carried out within the scope of the doctoral research, with the thematization about the relationships between the logics of urban production and the effects of these processes on the behaviors that experience and (re)signify the uses of spaces. More broadly, the question of cultural practices is interpenetrated by the horizon that moves from the right to the city to the ideals of spectacular cities, expressed above all by the paradigm of creativity. Finally, I propose to reread the relationship between cultural appropriations and reappropriations from the idea of the dialectic of “malandragem”, characterized by Antonio Candido as a formative spectrum of Brazilian culture.*

KEYWORDS: *Appropriation cultural. Reappropriation cultural. Salvador-BA. Urban spectacularization. Dialectic of malandragem.*

Introdução

As cidades comportam universos contraditórios, que ora se justapõem, evidenciando conflitos, ora se interpenetram, edificando sentidos e formas complexas de existências. Sob essa perspectiva, aparentemente abstrata, se insinuam questões relevantes aos estudos sobre as lógicas de produção e gestão urbana contemporânea. De igual modo, no âmbito micro da análise, as práticas culturais também se constituem como importantes agendas de pesquisas, especialmente quando buscamos apreendê-las em diálogo com seus contextos e circunstâncias históricas.

Nessa esteira, o caráter plural das cidades, conforme sublinham Carlos Fortuna e Rogerio Proença Leite (2009), indica, a meu ver, menos a ausência de tendências normativas no seio da produção e prática urbana, e mais uma necessária postura epistêmica diante de suas complexidades verificáveis. Isso quer dizer que é fundamental não negligenciarmos as potenciais costuras e ressignificações que (extra)ordinariamente forjam os conflitos entre as diversas cidades existentes dentro daquela que se pretende, muitas vezes e de modos diversos, serem definidas como única e consensual.



Nos termos da professora Ana Fernandes (2006), o que tem se evidenciado desde as últimas três décadas do século XX é essa relação entre o *rompimento* e a *promessa*. Requalificadas, regidas e legitimadas pela dinâmica culturalista, as cidades se apresentam inscritas no paradoxo: por um lado reside a *promessa* na potencialização de formas de ser e estar no mundo, a partir de uma espécie de *justificação* cultural (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009); por outro, a partir da tendência hegemônica de mercantilização, há um *rompimento*, no qual o que poderia se emancipar, se empobrece pela finalidade central do consumo e da troca mercantil. Ainda assim, sabemos que isso não esgota as possibilidades de resistências e enfrentamentos contra o que Fernandes (2006) destacou como tendência hegemônica, uma vez em que, o *rompimento* e a *promessa* dialogam a partir das especificidades de cada cidade em questão.

Neste artigo, em um primeiro momento, busco apresentar uma tipologia analítica acerca das práticas culturais, usos e tensões de significados tecidos no contexto da experiência da vida urbana em determinados espaços da cidade de Salvador-BA, durante o contexto de preparação e realização dos megaeventos esportivos da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) (2013-2014). O intuito é vincular a imersão teórica e empírica, realizada no âmbito da pesquisa doutoral, com a tematização acerca das relações entre as lógicas de produção urbana e os efeitos desses processos nos comportamentos que experimentam e (re)significam os usos dos espaços. Através da pesquisa de campo sistematizada, algumas características conflitivas se tornaram bastante emblemáticas, como foram os casos envolvendo as baianas de acarajé e a situação de proibição e autorização para o exercício comercial de seus ofícios; a organização e atuação empreendedora do bloco afro Tambores do Mundo; a dinâmica dos vendedores informais (ambulantes) e atores não consumidores nos *espaços de consumo*; e os protestos lúdicos representados pelos blocos carnavalescos Pipoca Indignada e Rodante. Em face dessas situações empíricas, sugeri uma tipologia acerca das práticas de *(re)apropriações culturais*, tendo em vista sua potencialidade analítica na apreensão dos fenômenos urbanos contemporâneos, notadamente marcados por conflitos e negociações entre os diversos atores constituintes das cidades.

De maneira mais ampla, a questão das práticas culturais é interpenetrada pelo horizonte que transita do *direito à cidade* (LEFEBVRE, 2008) ao ideário de *cidades espetacularizadas* (DEBORD, 1997; VIEIRA, 2016), expressas sobretudo pelo paradigma da *criatividade* (VIVANT, 2012; SELDIN, 2017; VIEIRA, 2020; 2021). Por fim, proponho reler a relação entre as *apropriações e reapropriações culturais* (VIEIRA, 2016) a partir da ideia de *dialética da malandragem*, caracterizada por Antonio Candido (2015 [1970]), em um



ensaio que tem exatamente esse título. Interessa, nesse caso, refletir como o espectro formativo da cultura brasileira que reside na perspectiva interpretativa da malandragem indica correspondências e eventuais dissidências das práticas culturais, observadas nas experiências urbanas a partir de suas características oscilantes entre a ordem e a desordem, a dominação e a resistência.

A princípio, com base na pesquisa doutoral realizada, argumento que a experiência de sediar a Copa das Confederações FIFA 2013 e Copa do Mundo FIFA 2014 fomentou o esgarçamento da mercantilização urbana e cultural da capital baiana, através da tendência normativa e geral de mobilizar supostas particularidades locais como formas espetaculares de reinvenção das *imagens de consumo das cidades* (FORTUNA, 1997; ZUKIN, 2000a; 2000b), notadamente dotadas pela promoção turística. Observadas “de perto”, estas mobilizações, realizadas em *narrativas* (BARREIRA, 2013) e intervenções concretas nos espaços urbanos refletem tanto modos oficiais de objetificação da cultura local, quanto sobrevivências marginais, percebidas como faces tensionadas do processo de *espetacularização urbano cultural* (VIEIRA, 2016).

Todavia, na esteira analítica que concebe as práticas culturais como ações conflitivas, forjadas por relações e disputas de poder, que são lidas ora como *estratégias*, ora como *táticas* (CERTEAU, 1998), ou ainda como *usos e contra-usos* (LEITE, 2007) dos espaços urbanos e públicos, sugeri, como contribuição ao debate, as noções de *apropriação e reapropriação cultural*. Apesar das especificidades conceituais das referidas categorias de análise, a meu ver, elas estabelecem como pontos comuns, a referência das possibilidades dissidentes que residem no viver e experimentar público as/das cidades. Dessa maneira, tomam enquanto recortes, objetos de estudos marcados por contextos em que determinadas intervenções se estabelecem com a pretensão de regular usos e selecionar práticas e usuários, seja a partir de políticas de planejamento, de requalificação urbana ou propriamente de cunho espetacular.

Espetacularização urbana e práticas de (re)apropriação cultural: o caso da cidade de Salvador-BA em tempos de megaeventos esportivos

Para a análise do processo de mercantilização urbana e cultural, me fundamento primordialmente na noção de “espetáculo”, conceituada e desenvolvida por um conjunto de aforismos que formam a clássica obra *A sociedade do espetáculo*, de Guy Debord (1997 [1967]). Entre outras ideias possíveis que são lançadas por Debord (1997), a respeito de uma certa transformação no modo prático do capitalismo se (re)produzir, destaco sobretudo as



assertivas que enfatizam a centralidade da lógica da mercadoria no mundo social², e a relação dissimulada que esta estabelece entre a forma aparente e real.

Segundo Debord³ (1997), ainda que pareça, o espetáculo não é em si as imagens, mas as relações que estas mediam. Nesta esteira, argumento que uma das características presentes no que temos denominado por espetacularização urbana é a mediação das relações sociais pela própria prática humana objetivada. Isso quer dizer que, não é necessariamente apenas pela imagem mediática que se representam as relações da vida social, pois não se trata literalmente de uma coisa que substitui o sujeito vivo, mas de sujeitos vivos subjugados à lógica cênica de sua prática ordinária e cultural. Nessa perspectiva, eles simulam a si próprios, como expressão subordinada do mercado. O espetáculo é um modo de ser, ver, pensar e sentir objetivado. Uma espécie de visão de mundo que se objetivou. A uma só vez, ele é projeto e resultado, produção e consumo⁴.

De modo análogo, a imagem de *baianidade*, recomposta pelos atributos da “diferença” identificada na cultura local e os positivados postulados de “alegria” e “felicidade” foram assim promovidos *espetacularmente* na cidade de Salvador. Diluída, a imagem de consumo reinventada da capital baiana é apresentada como produto de atratividade turística e financeira, ainda que essa apropriação mercadológica possa também estar parcialmente presente nas relações sociais das mais diversas localidades da referida cidade. Apesar de os empreendedores urbanos vislumbrarem a promoção de uma imagem positiva de cidade a partir da objetificação da cultura local, o objeto dessa encenação são os próprios produtores em suas práticas culturais devidamente mediadas. Eles atuam na representação de si mesmos, estipulados enquanto forma genérica do espetáculo urbano. Dessa maneira, a narrativa abstrata da *felicidade*, da *feira*, e da *tradição*, se materializa na apresentação e performance de blocos afro e baianas de acarajé, por exemplo.

A espetacularização urbana é centralmente especulativa. Ela converge, portanto, com a forma dominante de produção do espaço urbano contemporâneo, onde a *cultura da servidão financeira* (ARANTES, 2009; CEVASCO, 2010) se expressa em meio a bolhas especulativas de uma dinâmica real pautada por afirmações abstratas e fictícias, tal qual se relacionam os capitais ficícios da financeirização e as *imagens-modelo* (SANCHEZ, 2001) das cidades promovidas pelas políticas urbano-culturais. Essa caracterização perpassa os processos de

² Cf. os aforismos 11 e 15 (DEBORD, 1997), ainda que se compreenda em fragmentos, o espetáculo é a totalidade real da vida social, transformada, todavia, em aparência. Sob esta tendência, o espetáculo apresenta-se como a principal forma social da contemporaneidade.

³ Cf. o aforismo 4, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14).

⁴ Cf. aforismos 5 e 6 (DEBORD, 1997).



regeneração urbana (FERREIRA, 2010) e faz dos espaços requalificados, monumentalizações que pela estética e performance transformam a dinâmica da vida urbana numa *cultura espetacularizada* (LEITE, 2010), ou seja, fetichizada, muitas vezes como *pastiche* (JAMESON, 2006) para o consumo. A meu ver, essa configuração não é condicionada pela realização de megaeventos, mas, de fato, ela se torna especialmente mais intensa nesses casos (DELGADO, 2007; LA BARRE, 2013).

De acordo com Christine Boyer (1994) e Manuel Delgado (2007) podemos considerar que a cidade que se *figura* (BOYER, 1994) nesta lógica é, em algum grau, resultante da *fraude e miséria* (DELGADO, 2007), pois sua projeção idealizada ocorre em detrimento da realidade que se oculta, controla e em certa medida se extermina. Isso não é somente efeito de uma ideação ou alienação simbólica. A exceção das intervenções militares e alterações legislativas, como a formulação da Lei Geral da Copa nº 12.663 (BRASIL, 2012) são alguns dos elementos que compõem a força coercitiva do pleno estabelecimento da *cidade de exceção* (VAINER, 2011), tornada regra fundamental na gestão dos negócios e do seu avesso, a *barbárie* (MENEGAT, 2008).

Todo o conjunto articulado dessas ações, não fortuitamente ocultadas, culmina no processo que interpreto por *espetacularização urbana*. Um projeto normativo de mercantilização urbano cultural, que comporta tensões e conflitos de usos e significados, expressos em práticas de *apropriações e reapropriações culturais*, dinamizadas em torno da criação de determinados espaços de consumo. Nesta perspectiva, o consumo é fomentado por uma intencional produção de intervenções humanas e práticas culturais que, embora apresentados sob a aparência da experiência e da imagem singular de si, são, de fato, avessas à atividade humana e *política* (RANCIÈRE, 1996), pois, antes de mais nada, são condicionadas pela geração de valor. Por essa razão, argumento que as políticas urbano culturais, que (re)constroem imagens de consumo, tendem a se caracterizar por uma espécie de *política às avessas*, especuladas por uma estética subordinada à lógica do mercado e destituidora das dinâmicas espontâneas existentes nas relações e fazeres culturais locais.

Mas é importante compreender que isso não se estabelece de maneira absoluta e determinista. Conforme observa Beatriz Sarlo (2014), no estudo sobre a produção imagética do urbano e da cultura, na cidade de Buenos Aires-AR, nem sempre os logotipos das cidades são resultantes de um conceito direto da lógica de produção urbana do mercado. Não é que esse nada tenha a ver com o processo, mas que, eventualmente, ele atua como esfera de agenciamentos do que existe localmente. Não obstante, no caso de Salvador-BA, a própria ideia literal de *diferença* foi *apropriada culturalmente* pelos agentes construtores oficiais da



cidade. Junto ao mote “Salvador, você sente que é diferente”, enunciado pela Prefeitura Municipal à época, se imbricam materializações e abstrações sobre a dinâmica de festividades em um logotipo de *baianidade*, reinventada e esgarçada no contexto dos megaeventos esportivos da FIFA (2013-2014).

Não se trata somente de perceber a cidade entre sua face real e sua face imaginada, opondo ontologicamente realidade *versus* ilusão, mas de notar a partir das práticas culturais, as negociações, conflitos e complexas complementaridades que ocorrem em lógicas de produções e sociabilidades fronteiriças. Nessa esteira, destacam-se com relevância analítica espécies de *espaços intersticiais* (LEITE, 2009), tal como vem sugerindo Rafael Arantes (2020), na análise sobre os processos mais recentes das feiras gastronômicas realizadas em espaços públicos da capital baiana.

A rigor, o que muitas vezes se supõe como “autêntico” (original) não existe em cidade nenhuma. A autenticidade resulta do que se experimenta e do que se reconhece. Essa *figuração* da cidade é sempre, apenas, uma face do que também pode ser sua *desfiguração*, mas que, em virtude de interesses específicos, é instrumentalmente ocultada, conforme argumenta Boyer (1994). De fato, aquilo que se vivencia remete a determinada imaginação, assim como aquilo que se imagina se vincula a outras formas de experimentação da cidade. Para Carina Gomes (2012), essa é uma questão recorrente nos processos de requalificação urbana, notadamente concentradas em torno de uma projeção de novos usos e usuários em determinados espaços da cidade. Assim, a partir dos centros históricos requalificados, se imbricam e, por vezes, conflituam os sentidos da *cidade vivida* (mais distante da apropriação turística) e da *cidade visível* (ofertada ao consumo de quem a visita). Também por isso, argumentamos que coexistem cidades dentro de uma cidade (FORTUNA, 1997; GOMES, 2012; VIEIRA, 2016). De acordo com Manuel Delgado (2007), é assim que se configuram as *fraudes* do visível e se ocultam as *misérias* do real que, não fortuitamente, constituem as faces das realidades não consumidas da cidade.

Para Maité Clavel (2006), essas fraturas da objetificação cultural forjam a grande característica da relação entre as cidades e as culturas. Apesar de todos os esforços empreendedores, na *espetacularização* reside uma espécie de produto imperfeito dos projetos, adaptável aos indivíduos ordinários, não como planejamento que visa garantir o direito à cidade, mas pelos desarranjos da dinâmica que se sucede a experiência de viver o cotidiano em suas diferenças e desigualdades.

No âmbito da teoria das práticas, essa qualificação parece ter influenciado Micheal De Certeau (1998) a conceber que existem no horizonte (extra) ordinário do dia a dia, um



conjunto de usos que dinamizam relações de poder e conflitos, expressos por *táticas* e *estratégias*. Enquanto as primeiras se caracterizam como "arte dos fracos", na qual os indivíduos desprovidos de uma estabilidade de poder político, institucional e/ou econômico, mobilizam a astúcia como uma forma de resistência; as *estratégias* são caracterizadas como uma ação de poder estabelecido. Nessa esteira, o professor Rogerio Proença Leite (2007), sugeriu a conceituação do *contra-uso*, como forma de caracterizar o viés do *desentendimento* (RANCIÈRE, 1996) que se manifesta na vida pública contemporânea. Diferente da noção de *tática* (CERTEAU, 1998), o *contra-uso* (LEITE, 2007) sinaliza sobre uma postura individual deliberadamente confrontosa, que incide politicamente contra a regulação dos espaços, planejadas para determinados usos de consumo cultural.

Instigado por essas chaves interpretativas acerca das práticas culturais e usos dos espaços nas cidades, tenho sugerido, como forma de contribuição ao debate, as noções de *apropriação* e *reapropriação cultural* (VIEIRA, 2016). Estas categorias foram formuladas para analisar como determinadas ações vinculadas aos projetos de *espetacularização urbana* acabam produzindo exclusões socioespaciais, que, não obstante, revelam práticas contestativas por aqueles excluídos. Como manifestações contrapostas as *apropriações culturais* realizadas no processo de *espetacularização urbana*, identifiquei quatro principais tipos de *reapropriação cultural*, caracterizadas, em geral, por experiências dissidentes que tencionam a esfera política e gerencial do *espetáculo*, a saber: I-*Reapropriação cultural como contracena espetacular*; II- *Reapropriação cultural como empreendimento popular da cultura reificada*; III- *Reapropriação cultural como tática diferencial de comércio*; IV- *Reapropriação cultural mediante a ludicidade crítica do espetáculo*.

As variações das noções de *reapropriações culturais* sugeridas correspondem a quatro referências empíricas estudadas durante a pesquisa de campo do processo de *espetacularização urbana e cultural* da cidade de Salvador-BA, no contexto de preparação e realização dos megaeventos esportivos da FIFA (2013-2014). Assim, respectivamente, os casos-chave de cada tipo de *reapropriação cultural* são: I) O caso das baianas de acarajé (I); II) O bloco afro Tambores do Mundo; III) Os vendedores informais e atores não consumidores nos *espaços de consumo*; IV) Os blocos carnavalescos Pipoca Indignada e Rodante⁵.

As ocorrências destes tipos conceituais podem coexistir, pois eles não se invalidam, nem se pretendem dizer sobre alguma propriedade estanque da vida urbana. Eventualmente,

⁵ Para uma apresentação mais exaustiva destes casos empíricos ver o trabalho *Espetacularização da cidade e (re)apropriações culturais: políticas urbanas e as novas imagens de consumo de Salvador-BA* (VIEIRA, 2016).



os tipos se relacionam entre si em um mesmo caso, de modo a ter características reafirmadas ou até contestadas, a depender de cada processo em questão. Na *reapropriação cultural como contra cena espetacular*, observei a partir dos atos de protestos protagonizados pelas baianas de acarajé, organizadas através da Associação Baiana dos Auditores Fiscais Municipais (ABAM), a produção de uma destituição do consenso *espetacular*. Através de reivindicações que reclamavam por inclusão, valorização dos costumes e da cultura imaterial dos seus ofícios, as baianas acabaram por demandar pelo direito ao trabalho, no intuito de poderem participar dos circuitos de eventos da Copa. A princípio, esta condição seria negada, uma vez em que elas não se constituíam como apoiadoras ou patrocinadoras oficiais da FIFA e, assim sendo, não teriam direito de usarem o espaço, excepcionalmente gerido pela Federação Internacional de Futebol, para venderem seus bolinhos de acarajé.

Importante notar que mesmo quando o que esteve na órbita das narrativas questionadoras foi o argumento de valorização da cultura e do patrimônio imaterial, tratava-se de um protesto por direito ao trabalho. O que evidentemente não significa nenhum demérito para estes atores, mas também não implica numa subversão da lógica de produção da *espetacularização urbana*. Os protestos das baianas resultaram na absorção parcial de suas demandas. A parcialidade corresponde aqui às próprias condicionantes da mercantilização desse processo espetacular mais amplo. De fato, apenas 12 baianas foram autorizadas a comercializar seus bolinhos dentro da zona de exclusividade comercial da FIFA.

Na *reapropriação cultural como empreendimento popular da cultura reificada*, analisei o caso da dinâmica operada pelo Grupo de Intercâmbio Cultural Tambores do Mundo. Coordenado por músicos negros que relatam terem crescido no Curuzu (bairro Liberdade, Salvador-BA), localidade reconhecida internamente como periférica e pobre, o Grupo promove um conjunto de eventos e oficinas de percussão em outros países. Um dos coordenadores, inclusive residia em Paris-FR. Em especial, o carnaval de Salvador é divulgado durante boa parte do ano em vários países europeus. O produto ofertado inclui o intercâmbio na cidade de Salvador e aulas de percussão. A possibilidade de conhecer/visitar o país e sobretudo poder vivenciar a cidade de Salvador a partir da representatividade musical do Curuzu são elementos que compõem parte da *reapropriação cultural* operada pelos organizadores.

Dessa maneira, eles empreendem uma alteração cênica da regulação mercantil, onde aqueles que poderíamos imaginar serem os consumidores se apresentam como produtores culturais, ao passo que os produtores se tornam então *empreendedores* culturais. Face à *apropriação cultural* que ocorre no processo de *espetacularização urbana*, as noções de



“terra da felicidade” e expressividade musical de matriz africana, acabam também sendo reaproveitadas pelos coordenadores do Grupo. Aqui, junta-se ao rumo espetacular da cidade promovido pela *apropriação cultural* local, a *reapropriação* que se revela em efetivo exercício de *empreendimento popular da cultura reificada*.

Já na *reapropriação cultural como tática diferencial de comércio*, identifiquei a partir dos ambulantes, um conjunto de ações que se caracterizam fundamentalmente como uma espécie aparente de enfrentamento *político* (RANCIÈRE, 1996), por parte dos que não tinham autorização gratuita para vender em espaço público, durante a realização dos megaeventos da Copa. Não aceitando pagar à Prefeitura Municipal de Salvador, pelo alvará de liberação para o comércio, seja por não terem condições financeiras ou por julgarem ser abusiva a cobrança, esses atores acabam expressando astúcias *táticas* (CERTEAU, 1998) dentro de um contexto de *sobrevivência marginal* do processo de produção da *espetacularização urbana*.

Nesse sentido, os ambulantes não só se arriscam e vendem de maneira clandestina os produtos nesses espaços cerceados, como operam relações particulares com os consumidores, que refletem algum grau de seletividade, na medida em que diferenciam o preço cobrado pelos produtos a depender do “cliente” em questão. De maneira geral, aos chamados “gringos”, os preços cobrados são mais altos do que a outros considerados “locais”. Sob essa lógica, a *reapropriação cultural* operada como *tática* diz respeito às práticas políticas de destituição do consenso espetacular, através do uso mercantil não projetado para o espaço. Nesta variante antinormativa da *reapropriação cultural* dos ambulantes, não há nenhuma significativa incidência contra a produção do espetáculo. No entanto, em menor ou maior grau, há uma implicação na governança espetacular, na medida em que se faz preciso garantir as normatizações dos usos previstos ou adequá-las a formas de permissividades sutilmente constatadas.

Por fim, na *reapropriação cultural mediante a ludicidade crítica do espetáculo*, observei, a partir dos blocos de carnaval Pipoca Indignada e Rodante, como o lúdico pode ser utilizado como mecanismo questionador da indústria do entretenimento, também apropriada no processo de *espetacularização urbana*. Aqui parece se estabelecer uma linha tênue entre a experiência espetacularizada da vida na cidade e a insurgência de movimentos erráticos. Segundo Paola Jacques (2006), a *errância* se constitui como uma potência subversiva da regulação espetacular, vivenciada pela relação corpórea dos indivíduos com as cidades. De fato, por um lado, o exercício da *ludicidade crítica* (TRACHANA, 2014) está constantemente sob o risco eminente de ser também assimilado na regularidade da marca “diversidade” e assim sendo, acabar por compor mais um produto espetacular. Por outro, numa condição



efetivamente errática, esse é o tipo de *reapropriação cultural* que se revela como prática crítica, que sob o uso de espaços públicos, publicita a emergência de uma cidade despida de suas maquiagens espetaculares.

Regulação e *antinormatividades*: qual o sentido da *dialética da malandragem* na *espetacularização urbana contemporânea*?

Desde meados da primeira metade do século XX, notadamente na década de 1930, a ideia de cultura foi uma das dimensões mobilizadas na tentativa de se construir uma interpretação original do Brasil. Autores como Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala* (2006 [1933]), e Sérgio Buarque de Holanda, especialmente na obra *Raízes do Brasil* (1995 [1936]), compõem parte dessa geração. Não é meu objetivo aqui tecer uma análise em específico sobre estes autores e obras, mas sim observar como essa perspectiva acerca do que nos constitui esteve, em diferentes momentos, vinculada à relação que estabelecemos com determinados princípios gerais de universalidade, e, por assim dizer, normatividade, comportamentos e práticas culturais, caracterizadas pela particularidade de lidar com as normas. Das relações e composições raciais, intensamente criticadas por suscitarem interpretações calcadas em um viés harmônico, até a cordialidade específica da cultura brasileira, as questões da ordem e desordem parecem se constituir como uma referência comunicativa da formação social do Brasil.

Ainda no século XX, Antonio Candido (2015 [1970]), importante crítico literário, escreveu o ensaio intitulado *Dialética da Malandragem*. Neste texto, o autor teceu uma crítica sobre o romance *Memórias de um sargento de milícias* (2015 [1854]), de Manuel Antônio de Almeida. Entre outros aspectos elaborados por Candido (2015) acerca dessa obra, me interesse em específico sobre os elementos que caracterizam a noção de “malandragem”. Segundo o próprio Candido (2000), esse deslocamento entre o texto literário e a análise social é possível na medida em que nos propomos a perceber, além do conteúdo retratado na obra, sua constituição. “No conjunto como no pormenor de cada parte, os mesmos princípios estruturais formam a matéria” (CANDIDO, 2000, p.8). O elemento social não é apenas uma referência externa a interferir na obra. Com efeito, o exercício da crítica tecida por Candido (2015) sobre o romance *Memórias de um sargento de milícias*, perpassa não simplesmente uma caracterização da suposta antecipação do estilo realista, à época, mas diz respeito a uma conjunção interpenetrada entre a estética e o conteúdo estrutural da obra.



Ainda que suscite associações entre a oposição do “herói” e “anti-herói”, a noção de *malandragem* que aqui busco considerar diz respeito mais a uma caracterização de condição contraditória, na qual os indivíduos, inscritos em um mundo desigual, injusto e violento, sobrevivem. De outro modo dito, a *malandragem* também não informa sobre uma conduta exclusivamente racionalizada e desejada no âmbito dos processos formativos da cultura brasileira. Nos termos que interpreto o brilhante ensaio de Antonio Candido (2015), a *malandragem* é lida como uma característica das relações sociais que se organizam dialeticamente entre uma espécie de *tolice que salva* e *esperteza que potencializa condições trágicas*. Nessa perspectiva, há o plano voluntário e o involuntário que compõe a dialética da *malandragem*.

Estes planos funcionam como um certo espectro formativo da cultura brasileira ou da ideia de “brasilidade”, que aqui tomo como correspondência para pensar a noção de “baianidade” e os tipos de *(re)apropriações culturais* manifestadas nos processos de *espetacularização urbana*. Isso se aplica na medida em que estas noções se amparam na qualificação particularizada que se destaca diante de um quadro universal. É no interior dessa capacidade imaginativa, que os elementos conflitantes entre ordem e desordem, bem e mal, moral e imoral precisam ser geridos.

Segundo Candido (2015), esse debate é representado em dois estratos, no romance *Memórias de um sargento de milícias*. No primeiro, se estabelece a dimensão universalizadora, “onde fermentam arquétipos válidos para a imaginação de um amplo ciclo de cultura, que se compraz nos mesmos casos de *tricksters*⁶ ou nas mesmas situações nascidas do capricho da *sina*” (CANDIDO, 2015, p. 31). Já no segundo estrato, a universalidade é mais restrita, pois é “onde se encontram representações da vida capazes de estimular a imaginação de um universo menor dentro deste ciclo: o brasileiro. Nas *Memórias*, o segundo estrato é constituído pela dialética da ordem e da desordem [...]”. (CANDIDO, 2015, p. 31).

Importante notar que a *desordem* não possui, inerentemente, a condição válida a sua reprovação. Para Candido (2015), ela pode ser, inclusive, legitimada como instância constitutiva da própria ordem desejada. Dessa maneira, as sociedades tendem a viver entre os estratos da *ordem* e suas relativas permissividades, razão pela qual a *desordem* se forma como um espectro tanto da retidão moral e cívica, quanto da legitimação do erro e imoralidade, como maneiras toleráveis de garantir a sobrevivência. Na análise da trama literária, Candido (2015, p. 37) observa que:

⁶ Nesse contexto, podemos entender “*tricksters*” como sujeitos não cumpridores da ordem, que adotam uma espécie de conduta desviante, típica dos chamados trapaceiros.



Ordem e desordem se articulam, portanto, solidamente; o mundo hierarquizado na aparência se revela essencialmente subvertido, quando os extremos se tocam e a habilidade geral dos personagens é justificada pelo escorregão que traz o Major das alturas sancionadas da lei para complacências duvidosas com as camadas que ele reprime sem parar.

Como exercício da releitura proposta nesse artigo, penso ser importante considerar a análise das práticas culturais inscritas nas dinâmicas de produção e experiências do urbano, sob a referência interpenetrada pelas nuances da resistência e ruptura, composição e tensionamento. Trata-se, portanto, da vinculação tênue entre o que se constitui *erraticamente* (JACQUES, 2006) e aquilo que forjando os processos de *espetacularização*, os coloca em diversos níveis de tensionamento político e gerencial. Essa vinculação é tanto contingencial quanto normativa. Para Antonio Candido (2015, p. 44),

No Brasil, nunca os grupos ou os indivíduos encontraram efetivamente tais formas; nunca tiveram a obsessão da ordem senão como princípio abstrato, nem da liberdade senão como capricho. As formas espontâneas da sociabilidade atuaram com maior desafio e por isso abrandaram os choques entre a norma e a conduta, tornando menos dramáticos os conflitos de consciência.

De acordo com esse entendimento do autor, é possível considerarmos que *a dialética da malandragem* se projeta, de fato, como um espectro formativo da cultura e das práticas culturais no Brasil. Não obstante, conforme assinala Leomir Hilário (2017), Antonio Candido pode ser lido como um dos autores que compõem o bloco de intelectuais e intérpretes que objetivaram analisar a sociedade brasileira através do processo de modernização, que se realizou ao longo do século XX. Segundo Hilário, juntamente com Caio Prado Jr., Candido estaria dentro da tradição crítica, qualificada pelo *modelo de formação* do Brasil. Nesta, a sociedade brasileira era percebida através do diagnóstico que indicaria o que nos falta. Ou seja, seria essa relação tensa entre a *ordem* e a *desordem*, constituinte do estágio de desenvolvimento do Brasil, que marcaria nossa condição subdesenvolvida. Todavia, é fundamental notarmos, como bem sublinhou Hilário (2017), que no horizonte histórico havia uma crença na modernização e no desenvolvimento nacional, notadamente urbano-industrial.

Mas quando observamos o desenrolar do século XX até os dias atuais, o que parece emergir enquanto questão não resolvida é: qual o lugar da *dialética da malandragem* em um tempo histórico marcado pela alta desindustrialização e reestruturação produtiva, condições objetivas que impulsionam processos de *espetacularização urbana*? Se por um lado a *dialética da malandragem* guarda, em si, um pressuposto de desejo de uma formação positiva da cultura brasileira, alicerçada na projeção de um diagnóstico, no qual ante a norma, a



sobrevivência do brasileiro na hostilidade de desabrigos, desigualdades e exploração é marcada por uma estrutura de resistência, subversiva a norma exterior. Por outro, na contemporaneidade, o que se anuncia como horizonte histórico pode se caracterizar por uma espécie de *deformação* ou *colapso da forma*, como sugere Leomir Hilário (2017).

Estaríamos passando do espectro formativo da *dialética da malandragem* (CANDIDO, 2015) para uma eventual *dialética da marginalidade*⁷? Nesta suposição, as experiências de *políticas da criatividade* (VIEIRA, 2020), caracterizadas em um domínio neoliberal indicariam o ideário do *empreendedorismo* e a performance dos *desempenhos* individuais como condição de sobrevivência pessoal e desenvolvimento local das cidades. Nesta perspectiva, a correspondência do *colapso da forma* (HILÁRIO, 2017) é a *forma individualizada da sobrevivência*, que pode ser, eventualmente, observada nas práticas de *reapropriações culturais*, perversamente fomentadas pelo *novo espírito e cultura do capitalismo* (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009; SENNETT, 2019).

Considerações finais

Neste artigo, busquei apresentar os tipos de *(re)apropriações culturais* pertinentes a contextos caracterizados por processos de mercantilização das cidades contemporâneas, qualificados pela *espetacularização urbana*. Os argumentos apresentados tomaram a realidade empírica da cidade de Salvador-BA, pesquisada no âmbito do trabalho doutoral, através do levantamento bibliográfico da temática, levantamento documental das principais políticas urbanas e culturais planejadas e implementadas na capital baiana, durante o contexto de preparação e realização dos megaeventos esportivos da FIFA. A pesquisa de campo recorreu a observação direta, na qual se efetivou um mapeamento dos principais *espaços de consumo* forjados pelas políticas de *espetacularização*, além de realizar entrevistas semi estruturadas com os diversos atores envolvidos no processo, tanto no âmbito da produção, quanto do consumo cultural da cidade em questão.

Portanto, o propósito geral deste texto foi relacionar a *espetacularização urbana* com o debate das práticas culturais, estreitando suas características particulares e históricas com questões mais amplas, que dizem respeito as lógicas de produção e gestão urbana contemporâneas. Por fim, busquei efetuar uma releitura das noções de *(re)apropriações*

⁷ Cf. sugeri João Cezar de Castro Rocha, em artigo intitulado *Dialética da marginalidade: caracterização da cultura brasileira contemporânea*, publicado no Jornal Folha de São Paulo, em 29/02/2004. O argumento central do autor é que a violência generalizada, que caracteriza sobretudo as favelas das cidades brasileiras, estaria provocando a mais nova característica dialética que forma a cultura nacional.



culturais, a partir da noção de *dialética da malandragem*, desenvolvida por Antonio Candido (2015). Nessa perspectiva, o espectro formativo da cultura e práticas culturais brasileiras precisa ser lido na atualidade da história que nos constitui. Isso quer dizer que, contra o colapso generalizado, cresce a tendência de fracassos absolutamente individualizados. Nesse sentido, onde a organização coletiva é preterida pela astúcia *tática* (CERTEAU, 1998) ou isoladas práticas de *contra-usos* (LEITE, 2007) individuais, nem mesmo as ações *lúdicas* (TRACHANA, 2014) e os demais tipos de *reapropriações culturais* parecem se configurar como condições necessárias de resistências e subversões. Muito pelo contrário, mediante a caracterização deste cenário, o que se aventa é um hostil horizonte do “salve-se quem puder”, que, na melhor das hipóteses, vem se tornando aparentemente atenuado pela ideação perversa do *empreendedorismo* e da *criatividade*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. **Memórias de um sargento de milícias**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2015 [1854].
- ARANTES, O. Uma estratégia fatal. A cultura nas novas gestões urbanas. In: ARANTES, O; VAINER, C; MARICATO, E. (org.). **A cidade do pensamento único**. Desmanchando consensos. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009. p. 11-74.
- ARANTES, R. Mercantilização dos espaços públicos? As feiras gastronômicas e culturais em Salvador. In: BÓGUS, L. M. M.; GUIMARÃES, I. B.; PESSOA, Z. S. (org.). **Cidades Brasileiras**. Temas e questões para debate. São Paulo: Educ, 2020. p. 231-256.
- BARREIRA, I. A. **A Cidade como Narrativa**. Lisboa: ICS, 2013.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2009.
- BOYER, M. C. **The City of Collective Memory**. Its Historical Imagery and Architectural Entertainments. Massachusetts/USA: Massachusetts Institute of Technology, 1994.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Lei n. 12.663, de 5 de junho de 2012**. Dispõe sobre as medidas relativas à Copa das Confederações FIFA 2013, à Copa do Mundo FIFA 2014 e à Jornada Mundial da Juventude - 2013, que serão realizadas no Brasil; altera as Leis nºs 6.815, de 19 de agosto de 1980, e 10.671, de 15 de maio de 2003; e estabelece concessão de prêmio e de auxílio especial mensal aos jogadores das seleções campeãs do mundo em 1958, 1962 e 1970. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112663.htm. Acesso em: 10 jun. 2021.
- CANDIDO, A. Dialética da malandragem. In: CANDIDO, A. **O Discurso e a Cidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2015 [1970]. p.17-47.



CANDIDO, A. Crítica e sociologia. *In*: CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, Pubifolha, 2000. p. 5-16.

CERTEAU, M. D. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998. v. 1.

CEVASCO, M. E. A Cultura da Servidão Financeira: Uma Leitura às Avestas. *In*: OLIVEIRA, F.; BRAGA, R.; RIZEK, C. (org.). **A Hegemonia às Avestas**. São Paulo: Boitempo, 2010. p.137-148.

CLAVEL, M. Cidades e culturas. *In*: JEUDY, H-P.; JACQUES, P. B. (org.). **Corpos e Cenários Urbanos**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 67-74.

DEBORD, G. [1967]. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELGADO, M. **La ciudad mentirosa**. Fraude y Miséria del “modelo Barcelona”. Madrid: Los libros de la Catarata, 2007.

FERNANDES, A. Cidades e Cultura: rompimento e promessa. *In*: JEUDY, H-P.; JACQUES, P. B. (orgs.). **Corpos e Cenários Urbanos**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 51-66.

FERREIRA, C. Cultura e Regeneração Urbana: Novas e Velhas Agendas da Política Cultural para as Cidades. Tomo. **Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, São Cristóvão, ano XII, n. 16, p. 29-56, jan./jun. 2010.

FORTUNA, C. Destradicionalização e imagem da cidade: O caso de Évora. *In*: FORTUNA, C. (org.). **Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia**. Oeiras/PT: Celta, 1997. p. 231-257.

FORTUNA, C.; LEITE, R. P. Apresentação. *In*: FORTUNA, C.; LEITE, R. P. (org.). **Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos**. Coimbra-PT: Almedina, 2009. p. 07-09.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006 [1933].

GOMES, C. S. Novas imagens para velhas cidades? Coimbra, Salamanca e o turismo nas cidades históricas. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. XXIII, p. 37-49, 2012.

HILÁRIO, L. Formação e deformação do Brasil: modelos da tradição crítica brasileira no século XX. **Revista Clínica & Cultura**, v. 6, n. 2, p. 126-151, 2017.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 [1936].

JACQUES, P. B. Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade. *In*: JEUDY, H-P; JACQUES, P. B. (org.). **Corpos e Cenários Urbanos**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 117-140.



JAMESON, F. Pós-modernismo e sociedade de consumo. *In*: JAMESON, F. **A virada cultural**. Reflexões sobre o pós-moderno. Tradução Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 15-44.

LA BARRE, J. D. Choque de futuro: Rio de Janeiro dos megaeventos. **Revista O Social em Questão**, ano XVI, n. 29, 2013. p. 43-68.

LEFEBVRE, H. **O Direito À Cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LEITE, R. P. **Contra-usos da Cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2. ed. Aracaju: EdUFS; Campinas, SP: Unicamp, 2007.

LEITE, R. P. Espaços Públicos na pós-modernidade. *In*: LEITE, Rogério Proença; FORTUNA, Carlos (org.). **Plural de cidades**: novos léxicos urbanos. Coimbra, CES/Almedina, 2009. p. 187-204.

LEITE, R. P. A exaustão das cidades: antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 1, p.73-88, 2010.

MENEGAT, M. Sem lenço nem aceno de adeus. Formação de massas em tempo de barbárie: como a esquerda social pode enfrentar esta questão? **Revista Praia Vermelha, Estudos de Política e Teoria Social**, v. 18, n. 1, p.146-177, 2008.

RANCIÈRE, J. **O Desentendimento**. Política e Filosofia. Tradução Angela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.

ROCHA, J. C. C. Dialética da marginalidade - caracterização da cultura brasileira contemporânea. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 fev. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2902200404.htm>. Acesso em: 14 jan. 2021.

SANCHEZ, F. A reinvenção das cidades na virada do século: Agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista Sociologia e Política**, Curitiba, n. 16, p. 31-49, 2001.

SARLO, B. **A cidade vista**: mercadorias e cultura urbana. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2014.

SELDIN, C. **Imagens Urbanas e Resistências**. Das Capitais de Cultura às Cidades Criativas. Rio de Janeiro: Rio Books, 2017.

SENNETT, R. **A cultura do Novo Capitalismo**. 7. ed. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2019.

TRACHANA, A. **Urbe ludens**. Espanã: Trea, 2014.

VAINER, C. Cidade de Exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro. **Anais do XIV Encontro Nacional da Associação Nacional de Planejamento Urbano (ANPUR)**, v. 14, 2011.



VIEIRA, E. C. J. **Espetacularização da cidade e (re)apropriações culturais**: políticas urbanas e as novas imagens de consumo de Salvador-BA. 2016. 478 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

VIEIRA, E. C. J. “Das políticas urbanas às políticas da “criatividade””: cidades S/A em tempos de espetacularização cultural. *In*: BÓGUS, L. M. M.; GUIMARÃES, I. B.; PESSOA, Z. S. (org.). **Cidades Brasileiras**. Temas e questões para debate. São Paulo: Educ, 2020. p. 257-283.

VIEIRA, E. C. J. Cultura da criatividade e espetacularização urbana na sociedade neoliberal: notas sobre a imagem da cidade de Aracaju/SE. *In*: LEITE, R. P.; VIEIRA, E. C. J. (org.). **Distopias urbanas**. Aracaju, SE: Criação Editora, 2021. p. 77-108.

VIVANT, E. **O que é uma Cidade Criativa?** Tradução de Camila Fialho. São Paulo: Senac São Paulo, 2012.

ZUKIN, S. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. Tradução de Silvana Rubino. *In*: ARANTES, A. (org.). **O Espaço da Diferença**. Campinas, SP: Papius, 2000a, p. 80-103.

ZUKIN, S. Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. Tradução de Marko Monteiro. *In*: ARANTES, A. (org.). **O Espaço da Diferença**. Campinas, SP: Papius, 2000b, p.104-115.

Como referenciar este artigo

VIEIRA, E. C. J. Apropriações e reapropriações culturais em Salvador-BA: Sobre a espetacularização urbana e a dialética da malandragem. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 27, n. esp. 1, e022006, abr. 2022. e-ISSN: 1982-4718. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v27iesp1.15691>

Submetido em: 16/01/2022

Revisões requeridas em: 15/02/2022

Aprovado em: 30/03/2022

Publicado em: 25/04/2022

